

									171

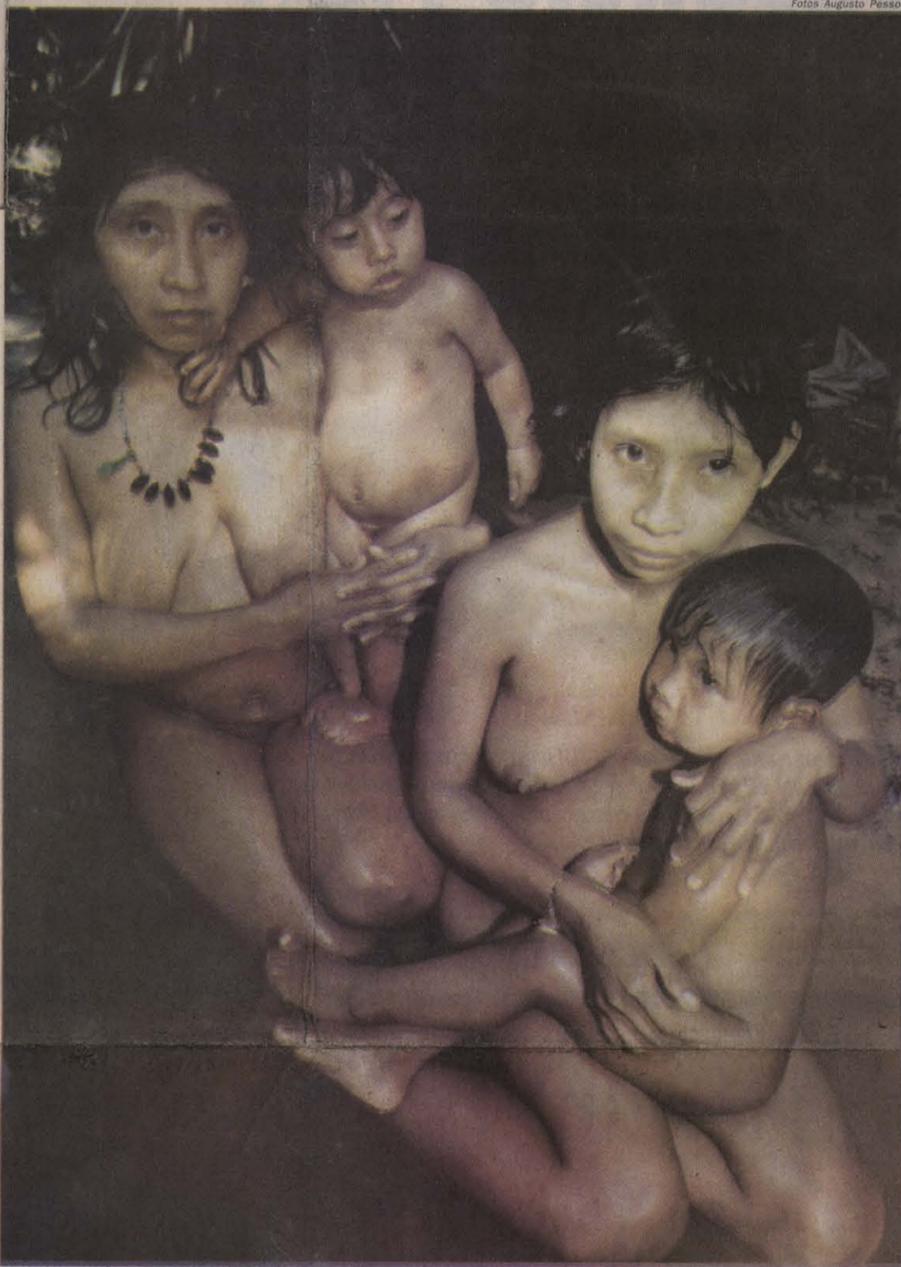
# Brasileiros que não sabem do Brasil

Na fronteira entre Pará e Maranhão, os índios Guajá resistem a nós

TÂNIA MARTINS  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Roupas, sabão, sal; uma casa de farinha. Poucas coisas lembram a presença do não índio na aldeia Txipatxiá (lê-se Tipatiá) na área indíge-

na Awá (lê-se auá) onde 128 índios Guajá vivem em perfeita harmonia com a natureza. Ali, na fronteira do Maranhão com o Pará, parece que o tempo parou. Nem mesmo as mudanças levadas pelo branco fizeram sumir algu-



Fotos Augusto Pessoa

Os Guajá, sempre estão totalmente nus, preservam até hoje sua cultura

mas características culturais semelhantes aos grupos indígenas do Brasil colonial.

A língua é o Tupi-Guarani. A alimentação básica é a caça e a pesca. Gostam de comer, entre outros, macaco-capelão, jabuti, cutia, veado, peixe e frutas do mato. Os produtos oriundos da agricultura, como a farinha de mandioca, abóbora e feijão, só conheceram depois do primeiro contato que a Fundação Nacional do Índio-FUNAI manteve com um grupo que foi localizado na área indígena Alto-Turiciá, próximo do Awá. O grupo da aldeia Txipatxiá só foi localizado em 1980.

As mães Guajá, além de alimentar seus filhos até quatro anos, dão o peito também para os filhotes de macaco, porco-do-mato e cutia, quando seus pais são abatidos numa caçada. Os homens, quando estão nus, o que já não ocorre com frequência, amarram o prepúcio com fibra de palmeira tucum. A mulher menstruada fica o tempo inteiro deitada, saindo somente para se lavar no rio e não pode pegar nas armas dos índios. Dá azar.

O casamento para elas acontece entre seis e sete anos. A família é quem escolhe o marido, que já é adulto. Embora a criança já passe a morar com ele, a relação sexual só se concretiza depois da primeira menstruação.

Apesar da imposição, os direitos individuais são respeitados. Atualmente, a índia Iraró, 12 anos, preferiu casar com um índio de sua idade, que não era o escolhido pela família. Seu direito de escolha foi respeitado e eles já têm um filho, que nasceu em fevereiro último.

Já o índio pode ter mais de uma mulher e, em alguns casos, ela também pode ter mais de um marido. Hoje, Merakedjiá, a mais velha da tribo, é a conselheira a que todas chamam de mãe, cedeu seu terceiro e atual marido para sua neta Yauatrái, de apenas 12 anos.

A garota já tem um filho com Haikaramuká, que mesmo não tendo mais relação sexual com Merakedjiá, continua sendo seu marido. Todos moram na mesma casa. Na aldeia não há pajé ou líder. Não existem nenhum tipo de vício e o único ritual é a dança karawarakaiá, uma espécie de preparação espiritual para a caça, em noite de lua cheia. Homens e mulheres cobrem o corpo com pluma de gavião, usam pena de tucano nos braços e cantam o karawaiá, que mais parece um lindo canto de pássaros.

## Nomadismo é principal característica

A maior característica do povo Guajá é o nomadismo. Dizem os antropólogos que eles são os últimos nômades da América Latina, pelo menos eram, porque depois do contato com o não índio já não perambulam como antes. Basicamente só os homens saem para a caça e voltam após quatro ou cinco dias. Antes as saídas eram por família. Para eles, ir para a mata é como se fosse um trabalho, semelhante, vamos dizer, ao trabalho de um pescador, com a diferença, eles não conhecem dinheiro. "Quando estão na mata se alimentam bem, ficam saudáveis", diz o chefe do posto Awá, José Antônio Damasceno.

Segundo ele, a Funai estima que existem aproximadamente cinco grupos de Guajá que ainda estão isolados na mata. E a tendência é que permaneçam por muito mais tempo. Embora o órgão trabalhe sob o argumento de que é preciso salvar a etnia, extinguiu o que eles chamam de frente de atração, uma espécie de caça-índio. A última aconteceu, por acaso, em 1992, quando foram localizados cinco Guajá e levados para o posto Juriti, próximo a Awá. A equipe levou cinco dias caminhando pela floresta fechada e todas as despesas foram pagas por uma TV japonesa que teve exclusividade em mostrar seres humanos que só conheciam bichos e árvores.



A caça com arco e flexa (acima) e os guerreiros enfeitados para festejos

				171
				✓

# Tribo está migrando para o Maranhão

*Antropólogos acreditam que os Guajá começaram a se transferir do Pará em 1840*

**TÂNIA MARTINS**

Os antropólogos não sabem ao certo, mas supõem que os Guajá habitaram o Pará no

século passado e começaram a migrar para o Maranhão por volta de 1840. No início de 19000 estima-se que eles somavam aproximadamente 600.

Nos anos 30 chegaram a quase mil. Foi neste período que aconteceu uma grande seca no Nordeste, lavradores oriundos de todas as partes aliaram-se a

ricos latifundiários e fazendeiros e provocaram um verdadeiro massacre aos índios. Foi uma guerra silenciosa. Mais da metade da população foi morta

por armas modernas e poderosas. Hoje, calcula-se que eles somam no máximo 300, contando com os que ainda estão embrenhados na mata fechada.

derosos do Maranhão. Quando chegou o período de executar a demarcação, em 1998, conseguiram embargá-la de forma desonesta e suja. O próprio presiden-

Nesta guerra, além das vidas, os índios perderam também muita terra. No início, quando antropólogos e representantes da Funai demarcaram a área, ela somava 232 mil hectares e foi drasticamente reduzida para 64 mil hectares. Apesar do roubo, até hoje a área não foi demarcada. Segundo o chefe do Núcleo de Apoio da Funai em Santa Inês, Renildo matos, a questão é política e no meio dela está fazenda Agro-Alto Turiaçú. Encravada dentro da reserva, a empresa explora a madeira e pratica e pecuária. Seu dono é uma incógnita – falam de grupos po-



**Vida em harmonia com os animais**

te da Funai, na época, assinou uma certidão negativa em favor dos fazendeiros, dando conta de que aquelas terras eram devolutas. Bem antes, mais precisamente em 1985, indigenistas, antropólogos e funcionários da Funai haviam protocolado no órgão o pedido de demarcação.

Outro ataque aos Guajá veio com a construção da ferrovia Carajás, que corta mais de 800 quilômetros de floresta. No início da construção, 1982, eles bloquearam a construção, mas num acordo com a Companhia Vale do Rio Doce, que recebeu do Banco Mundial muito dinheiro para demarcar a área, os índios pensaram que o problema havia sido resolvido. Hoje, a terra não está demarcada e o apito do trem afugentou os animais que sumiram mata adentro. Por enquanto estão passivos, observando a destruição implacável de seu habitat.